

SOFILE, OU DA FILOSOFIA¹

SOPHILE, OR ON PHILOSOPHY

François Hemsterhuis

Tradução de: *Luiz Filipe da Silva Oliveira*²

Te dea te fugiunt venti, te nubila coeli
Adventumque tuum, tibi suaveis daedala tellus
Submittit flores, tibi rident aequora Ponti,
Placatumque nitet diffuso lumine coelum.

à Paris.
MDCCLXXVIII.

Sofile: Oh, a filosofia é uma coisa tão bela!

Eutífron: Ora, por quê?

S: Por quê? Por tornar conhecida a verdade, libertar-nos de preconceitos e esclarecer os limites precisos de nosso conhecimento.

E: Admito, mas é ainda mais bela por enriquecer o universo e a nós mesmos: nos permite ver terras vastas e desconhecidas.

S: Meu amigo, suas terras desconhecidas são espaços imaginários, acredite em mim. A filosofia é bela e boa justamente porque destrói essas fábulas. Sua base inabalável é a experiência, e não há verdade além dela.

E: Estamos de acordo. Uma filosofia baseada na experiência é evidentemente a única boa; mas quantas espécies de experiência existem!

S: Eu conheço apenas uma única espécie; é a experiência proporcionada pelos nossos cinco sentidos. Você conhece outras?

E: Para te dizer a verdade, houve um tempo em que eu tinha exatamente a mesma opinião, mas mudei desde então. Estou tão mudado que quando penso na minha mesquinhez anterior, sinto vergonha.



¹ Para essa tradução utilizamos a versão original: HEMSTERHUIS, François, *Sophyle ou de la philosophie*. Paris: [sans adresse], 1778; e cotejamos também com a tradução ao alemão presente em: *Sophyle ou de la philosophie/Sophylus oder von der Philosophie*. In: HEMSTERHUIS, François. *Œuvres philosophiques*. Brill, 2015. p. 334-387

² Mestre em Filosofia pela UFJF. Doutorando em Filosofia na UFRGS - Porto Alegre, Brasil. E-mail: luizfilipe3r@gmail.com, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5308889045955193>

S: Bem, então o felicito pela vossa atual elevação: mas não é admissível examinar a solidez da escada, ao longo da qual subistes tão prodigiosamente alto que agora sois um meteoro? Quem fez esta escada para ti?

E: Eu mesmo fiz; e estou convencido de que todos os homens capazes de reflexão estão em condições de fazer por si próprios. Mas, na verdade, não é bem uma escada. Você sabe como as aranhas conseguem facilmente atravessar rios largos?

S: Não me recordo.

E: Elas têm um fluido extremamente flexível no ventrículo. Elas lançam este fluido com uma força surpreendente através de dois pequenos orifícios. Assim que o fluido toca o ar, ele condensa, torna-se um fio e é levado pelo vento até que se prende a uma árvore distante do outro lado do rio. Aí está a escada feita. A nossa aranha atravessa em segurança, observa tudo o que aparece no seu caminho apanhando moscas e os insetos do rio, o que antes era impossível para ela. Quanto mais puro, flexível e semelhante ao espírito etéreo for esse fluido, mais longo será o fio que, com a ajuda de um vento propício, poderá ser amarrado ao cume das montanhas mais altas.

S: Mas no que o fio de uma aranha nos ajuda aqui? Você confia nesse fio, meu pobre Eutífron?

E: Este fluido da aranha é o bom senso, ou senso comum, do qual todos os homens têm alguma dose, grande ou pequena. Se estiver bem flexível, puro e em boas condições, quando lançado com esforço, condensará e se tornará um fio muito longo e sólido, que se prende, seja pelas circunstâncias ou pela direção que lhe é dada, às verdades mais distantes.

S: Nada de poesia ou fábulas em filosofia, meu amigo; eu te peço. É preciso simplicidade. Repito o que eu disse, não há verdade além da experiência proporcionada por nossos sentidos; em suma, não há nada além da matéria. Você tem algo contra essa afirmação? Diga-me, mas seja claro e breve.

E: Certamente tenho muito a objetar contra esta afirmação, uma vez que pelo menos ainda há movimento.

S: Sim; há matéria e movimento: pois o movimento nada mais é do que uma modificação da matéria. Ora, afirmo que nada no mundo pode vir do nada; que nada pode ser reduzido a nada; que a matéria é; que, portanto, sempre foi; que sempre será; e que as mudanças que vemos são apenas as manifestações das diferentes disposições das partículas de matéria que mudam a cada momento em um movimento perpétuo: enfim, afirmo que não há nada além de matéria. Se você puder me fazer ver, ouvir, tocar e cheirar qualquer coisa que não seja matéria, você me dará um grande prazer. Esta é a minha confissão de fé.

E: Meu querido Sofile, isto é muito preciso, admito: mas você já leu muitos livros que sustentam esse sistema?

S: Sim, certamente.

E: Você já leu muitos livros que dizem exatamente o contrário?

S: Não.

E: Mas você sabe que são muitos, não sabe?

S: Sim, mas já fui convencido da verdade através daqueles.

E: E eu através destes. Consequentemente, ou um de nós deve estar errado, ou ambos.

S: Isso é certo.

E: Portanto, querido Sofile, se aspiramos à verdade, joguemos fora esses livros que se contradizem. A filosofia não foi trazida à Terra por Minerva, nem pelos Serafins. O primeiro filósofo foi um homem; portanto, a filosofia está no homem. Nós somos homens: portanto, procuremos corajosamente a filosofia em nós mesmos. Lancemos este fio de que falei; ele certamente se prenderá a verdades de algum tipo, e desta forma viajaremos o universo sem perigo. O fio do bom senso não pode ser rompido. Começamos sendo neutros e livres de qualquer preconceito. No final de minha investigação, será indiferente pra mim ser identificado pelo nome desta ou daquela escola desde que eu possa alcançar a verdade. Admito, no entanto, que sentirei um momento de tristeza se descobrirmos que depois desta vida eu não pertencerei mais ao universo do qual faço parte, ou seja, que serei aniquilado: mas prefiro a verdade a tudo; sem ela não pode haver verdadeira felicidade. Pois se eu possuísse a ideia de uma deliciosa comida cuja existência seria impossível, não seria nenhuma infelicidade saber da impossibilidade de degustá-la, uma vez que sua existência era impossível.

S: Mas por que você quer que joguemos fora os livros e renunciemos às verdades que já adquirimos através do trabalho de tantos séculos?

E: Jogando fora os livros, não quero jogar fora as verdades neles. As verdades reais irão emergir muito brevemente das nossas investigações. Uma verdade isolada é inalterável. Os homens não podem abusar de uma verdade isolada; mas abusam delas na atribuição de seu lugar e na composição delas: é isso que a mente faz. Como o homem não é feito para conhecer todas as verdades, a mente toma um certo número delas, aproxima-as o tanto quanto possível, reúne-as por alguma relação provável e as coloca uma face à outra da forma como ele acha mais conveniente para a formação de um belo conjunto: e isto é o que se chama um sistema. É evidente que, de acordo com isso, pode haver tantos sistemas diferentes de filosofia quanto diferentes posições possíveis e conexões de verdades a mente puder conceber; e que o verdadeiro sistema seria aquele em que todas as verdades estarão intimamente ligadas por outras verdades intermediárias, de tal forma que o todo constituísse apenas uma única verdade. Todos os sistemas de filosofia que os homens forjaram até agora são apenas agrupamentos arbitrários que têm agradado a este ou aquele indivíduo ou à sua seita. Se todas as verdades fossem colocadas uma ao lado da outra, sem todos os espaços entre elas, nós saberíamos e a conheceríamos, mas não a discutiríamos. Existem apenas duas filosofias no mundo onde as verdades se encontram e que a mente não desgraça: a filosofia socrática, e a filosofia de newtoniana. Esta última, confesso, não merece o nome de sistema de filosofia, pois é apenas um ramo muito pequeno da filosofia, que inclui apenas a Mecânica, na medida em que é aplicável à geometria pura. Mas à socrática, tudo lhe compete. Sócrates, e apenas Sócrates, que levava as pessoas a acreditarem que o homem se assemelha a Deus, pregava filosofia; enquanto os outros pregavam apenas seus sistemas filosóficos limitados. Ele ensinou aos homens que a filosofia se encontra em cada mente saudável, em cada coração reto; que não é a filha do espírito ou da imaginação, mas que é a fonte da felicidade

universal e indestrutível.

S: O que me dizes, Eutífron, parece-me suficientemente verdadeiro. Diga-me, qual é exatamente a sua filosofia?

E: Minha filosofia, meu querido Sofile, é a das crianças; é a de Sócrates; é a que estaria no fundo do nosso coração e da nossa alma se nos déssemos ao trabalho de procurá-la ali.

S: Se é verdade que ela está lá e que é a fonte da felicidade, merece que façamos este esforço. Mas como você faria essa investigação?

E: Se tivesses o desejo e o lazer de fazê-la comigo, nós dois ganharíamos.

S: Tenho este desejo e este lazer. Mas, por favor, seja breve e claro.

E: Espero que fiques feliz. Mas quando eu te fizer uma pergunta, responda-me em poucas palavras.

S: De bom grado.

E: Então vamos começar por esquecer tudo o que aprendemos sobre sistemas; e então façamos esse raciocínio. Tudo o que é passivo, é: eu sinto; por isso sou passivo: por consequência eu sou. Eu vos digo que eu sou: se vós sois, e se acreditais em mim, estou profundamente convencido de que acreditais na verdade: portanto, se me dizeis que sois, eu acredito em vós, e tenho a mesma convicção de que acredito em uma verdade: portanto, há você e outras coisas fora de mim; e eu posso demonstrar essa verdade de vinte maneiras diferentes.

S: Mas, Eutífron, há alguma necessidade de me provar que eu sou, e que há coisas além de mim? Por favor, poupe-me de tal infantilidade.

E: Não podemos avançar sem provas. Diga-me, Sofile, como você sabe que essa esfera existe fora de você?

S: Porque a vejo: se cai, ouço-a; se a toco, sinto sua solidez: se a seguro, ela pesa.

E: Sim: mas quando você vê aquela esfera, a ideia que você tem daquela esfera, é a esfera?

S: Não realmente; é apenas o resultado da relação desta esfera comigo, com meus olhos, meus órgãos, com a luz, e com tudo o que há entre esta esfera e eu.

E: Isto é muito justo. Mas você diria a mesma coisa sobre este cubo aqui?

S: Com certeza.

E: E quanto a este cone?

S: Sim.

E: Isto já nos mostra uma verdade muito importante, a de que os nossos olhos e órgãos não nos enganam, pelo menos em relação à ordem das coisas.

S: Não compreendo bem.

E: Eu afirmo que a ideia da esfera é o resultado da relação que eu, meus olhos e a luz temos com a esfera; que a ideia do cubo é o resultado da relação que eu, meus olhos e a luz temos com o cubo; e que a ideia do cone é o resultado da relação que eu, meus olhos e a luz temos com o cone; segue-se que, nestes casos, eu, meus olhos e a luz, permanecendo os mesmos, a causa de minha ideia do cone, é o objeto

que eu chamo de cone; a ideia da esfera, é o objeto que eu chamo de esfera; a ideia do cubo, é o objeto que eu chamo de cubo: e portanto a ideia do cubo está para o cubo, como a ideia da esfera está para a esfera, e como a ideia do cone está para o cone: conseqüentemente, há a mesma analogia entre ideias e entre as coisas; e no raciocínio sobre ideias, as conclusões que tiro destes raciocínios serão também análogas às conclusões que tiro dos raciocínios que faço sobre as próprias coisas.

S: Acredito que sim, Eutífron, pois não dizes nada além de que: “O meu raciocínio sobre as ideias é análogo ao meu raciocínio sobre as coisas.” Você poderia ter dito: “são a mesma coisa”; pois você só conhece as coisas através de suas ideias.

E: Eu gostaria muito que as ideias que temos das coisas fossem as próprias coisas; então, pelo menos, nunca cairíamos em erro. Mas isso é impossível, pois as coisas que estão fora de nós não podem entrar em nossas cabeças; e por consequência precisamos de meios e órgãos para obter algumas sensações da sua existência: e já é suficiente que tenhamos encontrado esta analogia entre ideias e coisas. Sabemos, então, que as relações entre as nossas ideias são exatamente as mesmas que aquelas entre as próprias coisas, das quais essas são as ideias.

S: Isso é bem verdade, Eutífron. Mas quando você falar sobre as coisas, por favor acrescente, “na medida em que as conheço através de minhas ideias”.

E: Tens razão, Sofile, compreendo; e é por isso que temos de ver agora qual é o valor de uma ideia em relação ao objeto do qual ela é a ideia.

S: É exatamente disso que precisamos.

E: Qualquer coisa, seja qual for a sua natureza, é uma essência, pois existe, e é. Esta coisa, ou essência, pode ter mil maneiras de ser desconhecidas para mim.

S: O que você entende por modo de ser?

E: O cone que você vê tem este modo de ser entre todos os modos de ser possíveis, e que eu desconheço, pelo qual, quando coexiste com a luz, com meus olhos, comigo, produz um efeito, que é a ideia que ambos temos atualmente deste cone: por este modo de ser ele é visível a qualquer ser que vê, por este modo de ser ele se difere da esfera e do cubo.

S: Compreendo perfeitamente bem.

E: Ora, este cone é como está; e sendo como está, é impossível que ele me dê, permanecendo como sou, qualquer outra ideia que não seja a que tenho dele. Mas, Sofile, até agora consideramos apenas duas coisas; por um lado o cone como ele é, e por outro eu, meus olhos e a luz, como um todo; vamos inverter a coisa, e considerar, por um lado, a totalidade do cone, da luz e dos meus olhos, e por outro lado, eu que tenho a ideia: você vai ver que o cone não me engana, mas que é efetivamente e realmente como me parece ser quando eu adiciono a luz e meus olhos a ele: e, se considerarmos que nenhuma coisa que é como é não pode ter outro modo de ser que possa fazer com que não seja o que é, vemos claramente que cada coisa que vemos, ouvimos ou tocamos, é também, entre outras coisas, o que parece ser. O primeiro homem que fez um relógio começou com as ideias que possuía de uma mola, uma roda, uma alavanca; e, ao juntar essas ideias e raciocinar sobre elas, resultou um relógio imaginário. Ele tornou real esse resultado, e aqui está um relógio de verdade: desta forma foi superada uma grande dificuldade; pois, se as ideias não representassem perfeitamente o que as coisas são entre outras,

haveria infinitas coisas a serem colocadas contra outra infinidade de coisas, a realização das ideias deste homem não teria produzido nenhum relógio real; e seria absolutamente impossível que gênio do homem produzisse alguma coisa.

S: O que estás dizendo?

E: Estou dizendo que se a mola não fosse realmente tal como parece ser para o homem na ideia, se suas ideias da roda ou da alavanca fossem falsas, a ideia do relógio, obtida pela combinação dessas ideias, seria absurda, e não poderia ser realizada: mas se esse homem realiza o relógio, é tal como lhe apareceu em suas ideias: consequentemente a mola, a roda e a alavanca são tais como apareceram a esse homem.

S: Concordo com o que acabaste de dizer, Eutífron; e confesso que podemos ousadamente admitir que nossas ideias simples adquiridas não nos enganam, mas representam realmente qualidades que estão essencialmente nas coisas das quais essas são ideias; e que, seja qual for a forma como combinemos essas ideias, a mesma ordem e analogia será encontrada entre elas como seria encontrada entre as próprias coisas se as pudéssemos reunir da mesma maneira. Diga-me, eu o entendi corretamente?

E: Perfeitamente; e eu não tenho mais nada a acrescentar.

S: Mas, se o primeiro relógio tivesse existido devido ao acaso, o que você diria?

E: Isso não mudaria nada. O admirável pato de Vaucanson existia em sua cabeça antes de surpreender os espectadores: Pois, como bem sentimos em qualquer composição que busca atingir um determinado fim, o ideal deve necessariamente preceder o real. Veremos na sequência então qual é a coincidência: mas, peço-lhe, não vamos muito depressa.

S: Mais uma vez, eu lhe peço, olhe esta bela coluna de mármore branco: se eu olhar para ela através deste vidro vermelho, ela me parece vermelha; e se a vejo através deste vidro com camadas diferentes e desiguais, parece-me estar torta e partida.

E: Colocando estes óculos entre os seus olhos e a coluna você não fez nada à coluna, correto?

S: Certamente não:

E: Assim, a coluna é o que era: portanto, se a coluna não permanecesse sendo o que é, não lhe pareceria vermelha no primeiro caso, nem torta e partida no segundo.

S: Admito. Mas quando olho para a coluna através de um vidro com cem facetas, vejo cem colunas em vez de uma: assim, esse órgão me engana.

E: Se a coluna não fosse como é, você não veria uma centena de colunas como você as vê. Suponha que cem homens fossem colocados ao redor desta coluna, e cada um deles dissesse a você, Sofile, eu vejo apenas uma coluna; você concluiria que há uma centena de colunas, ou você pensaria que todos eles veem a mesma coluna? Se o número 4 não fosse 4, o número 4 multiplicado por 3 não seria 12.

S: Isso, meu caro Eutífron, se não me engano, é um belo de um sofisma.

E: Oxalá estivesse enganado, Sofile; mas não há nada que devemos tentar evitar tão cuidadosamente quanto este tipo de conclusão: este seria o único vício em que poderíamos cair em nossos trabalhos cujas consequências não poderiam ser

reparadas. Vejamos se é esse o caso agora.

S: Você está dizendo que se 4 não fosse 4, 4 multiplicado por 3 não seriam 12. Você toma o número 4 como objeto, 3 como órgão, e tudo pelo qual você está separado daquele objeto, e o número 12 como a ideia que você tem de 4. Mas essa ideia é falsa, pois 4 não é 12. Se você ainda conhecesse 3, ou seus órgãos, não haveria dificuldade: pois você só teria que dividir o conhecido número 12 pelo conhecido número 3; e você encontraria o desconhecido número 4, ou melhor, a essência do objeto.

E: Sei muito bem que quando falo de um objeto que não seja eu mesmo, a ideia que tenho dele não pode ser o próprio objeto; mas, eu digo que o próprio cone, unido a tudo o que há entre o cone e eu, constitui a ideia do cone; e que o próprio cubo, unido a tudo o que há entre o cubo e eu, constitui a ideia do cubo: mas como o que está entre o cubo e eu é a mesma coisa que está entre o cone e eu, concluo que a diferença que vejo entre o cone e o cubo se baseia na diferença entre a verdadeira essência do cone e do cubo; e como essa diferença está na razão pela qual o cone não é o cubo e o cubo não é o cone, e como cada uma dessas razões está relacionada com a verdadeira essência tanto do cone como do cubo, concluo que percebo uma das qualidades que são da verdadeira essência do cubo, e uma das qualidades que são da verdadeira essência do cone. Não estou dizendo que meus 12 são 4, mas que nos 12 está incluída uma parte da verdadeira natureza do 4.

S: Você tem razão; e por enquanto não tenho mais objeções.

E: Terminemos, portanto, esta investigação; e tomemos por uma verdade inabalável, que uma coisa fora de nós, que é visível para nós, tem tudo o que é necessário para ser visível e aparecer para nós; e que uma coisa fora de nós, que nos aparece como sonoro, tem tudo o que é necessário para ser sonoro e aparecer-nos como tal; e que, mesmo que tivéssemos órgãos defeituosos, eles não fariam nada à coisa, uma vez que acabamos de provar geometricamente a verdade da analogia entre as coisas e as ideias, e que as relações entre as ideias são exatamente as mesmas que existem entre as coisas.

S: Estou satisfeito com a nossa conversa, Eutífron. Estou convencido de que os nossos sentidos não nos enganam. Isto faz parte do meu Sistema; e parece-me verdade que, a partir das nossas ideias, podemos certamente chegar à essência das coisas.

E: Não vá muito longe, querido Sofile. Suponhamos um bloco de mármore no qual há quatro inscrições diferentes, em grego, árabe, latim e francês. Eu, que só conheço a minha própria língua, vou dizer-vos o que este monumento me desperta. Mas escutai o grego: ele vos dirá que aprende muito sobre o cerco de Tróia. O árabe dirá: este mármore lança grande luz sobre a História da Cavalaria de Saladino. O romano: Eu não sabia que Céstio era o liberto de Pompeu. Veja, essas pessoas só poderiam emitir juízo sobre o que lhes compete, o que é compreensível para elas; e o mesmo é válido para as essências.

S: Isso parece ser verdade. Mas por favor, torne mais claro o que acabou de dizer.

E: A inscrição grega é compreensível apenas pela língua grega, e para aqueles que a entendem; o mesmo se aplica ao árabe. A essência é visível apenas pela luz, e para quem tem olhos: é sonora, apenas em virtude do ar, e para aqueles que podem ouvir: é tangível apenas pelo contato, e para aqueles que têm tato: em suma, só é o

que é por tais meios, e para aqueles que têm órgãos análogos a tais meios. Uma essência pode ter cem mil lados, todos de acordo com a sua natureza, dos quais apenas três ou quatro são análogos aos nossos órgãos atuais. Uma essência pode ter cem mil faces,³ todas de acordo com a sua natureza, das quais nenhuma sequer esteja dirigida aos nossos órgãos. Assim, quando concluímos a essência do objeto a partir da nossa ideia, é sobre esta face ou parte da essência que pode agir sobre os nossos órgãos.

S: Percebo, Eutífron, que este é um bom raciocínio; e que o que você diz seria possível se houvesse outras essências além da matéria.

E: Podes dizer-me o que é a matéria?

S: Oh claro! O que é visível, o que é impenetrável ou sólido, e o que é sonoro.

E: São estas as qualidades essenciais da matéria, as partes, as faces da sua essência?

S: Sem dúvida, uma vez que descobrimos que nossos órgãos não nos enganam.

E: Creio nisso como você, Sofile. Mas se você fosse cego, não poderia falar do visível; e o que você chama de matéria não seria visível. Se você fosse surdo, não poderia me falar do sonoro; e o que você chama de matéria não seria audível. Você pode ver com isto que, nestes casos, a matéria teria tido propriedades essenciais, ou faces, que seriam desconhecidas para você, mas não para aqueles que possuíam visão e audição e que, em virtude deles, poderiam ter aprendido que a matéria tem essas propriedades ou faces. Você teria julgado bem se tivesse dito que a matéria é impenetrável apenas porque você possui tato? Não terias raciocinado melhor dizendo que a matéria lhe parece impenetrável apenas porque possui tato?; se eu tivesse outras formas de percebê-la me pareceria bem diferente; se ela pudesse agir sobre mim através de cem mil meios diferentes, através de cem mil órgãos diferentes, seria afetado por ela de cem mil maneiras diferentes; teria para mim cem mil atributos diferentes pelos quais eu poderia descrevê-la; e segue-se então que o número de ideias diferentes que poderia ter da matéria, ou melhor, da essência, dependeria do número dos meus órgãos e dos meus meios. Como posso pensar em um número indefinido de órgãos e meios, a matéria, ou essência, seria perceptível de forma diferente um número indefinido de vezes; e, conseqüentemente, a matéria, ou melhor, a essência, não teria uma infinidade de atributos? Mas suponha que uma essência, um globo, estivesse imerso ao mesmo tempo na água, no ar, no éter, em mil, em dez mil fluidos de natureza e densidade diferentes; o mero movimento deste globo colocaria todos esses fluidos em oscilação; e, se houvesse seres sencientes, que tivessem órgãos análogos a todos estes fluidos, esta essência, ou este globo, teria dez mil atributos diferentes. Então, onde estamos, Sofile, com nossos quatro ou cinco atributos da matéria, ou melhor, da essência? O primeiro atributo essencial de uma coisa é ser. Os outros atributos

³ Tudo o que compõe ou pode compor o Todo, ou o Universo inteiro, é necessariamente essência. Quando as essências estão relacionadas com o órgão da visão, essas essências são chamadas de coisas visíveis ou essências visíveis; quando as essências estão relacionadas com o órgão da audição, essas essências são chamadas de coisas sonoras ou essências sonoras. Assim chamamos de lado visível do Universo, essa modificação, esse modo de ser, pela qual certas essências estão relacionadas com o órgão da visão; e chamamos de lado sonoro do Universo, essa modificação, esse modo de ser, pela qual certas essências estão relacionadas com o órgão da audição; e assim outras faces, pelas quais partes do Universo são perceptíveis a quaisquer Seres.

essenciais são as suas relações com os diferentes gêneros de coisas que ela não é; e como pode haver uma infinidade de outras coisas que ela não é, também pode possuir uma infinidade de relações; e conseqüentemente uma essência, ou uma coisa qualquer, pode ter um número infinito de atributos essenciais. Veja então, meu querido Sofile, a pobreza da ideia que nos atribuímos à palavra matéria; que ela designa nada além das essências que têm uma relação com quatro ou cinco de nossos órgãos, que só podem se manifestar a nós através desses órgãos; e que, portanto, tudo o que chamamos de matéria é infinitamente menor do que essencialmente é.

S: De fato, você reduziu muito a matéria. Mas, Eutífron, há uma conexão constante entre todas as coisas que coexistem, certo?

E: Sim, certamente.

S: Você chama a tudo o que existe de essência. Todas as essências, que coexistem conosco, têm uma relação conosco. Mas, segundo vós, há essências que podem manifestar a sua relação conosco através dos nossos órgãos; e há outras que não podem manifestá-las a nós. Ora, diga-me por favor, como pode sequer falar sobre estes últimos?

E: Como eu poderia falar sobre? Não poderíamos falar sobre o Templo de Júpiter Olimpo, a Cúpula da igreja de São Pedro, suas belezas, seus defeitos, sem nunca os ter visto, e talvez melhor do que mil outros que desfrutaram destes grandes fenômenos da arquitetura?

S: Meu caro Eutífron, isto nada prova, pois este templo e esta cúpula são coisas visíveis, e podemos imaginá-las perfeitamente com a ajuda daqueles que as viram. Pergunto-te o quê, e como podes falar de coisas que não são nem visíveis nem audíveis, sem nenhuma relação contigo para que se possam manifestar-te através dos teus sentidos? É isso que estou lhe perguntando. Responda-me, por favor.

E: Você tem razão; o paralelo, admito, não é justo. Mas não posso falar dos sais voláteis que constituem a ação da flor sobre o olfato, embora não os veja?

S: Isso não melhora muito: pois quando se fala de sais, e de suas ações, fala-se de coisas que chamamos corpóreas, ou seja, visíveis, tangíveis, etc.

E: Mas as limalhas de ferro não nos mostram que são atraídas, e os seus movimentos são modificados pelas fluxões do ímã, e até de que maneira são modificadas? Fluxões, no entanto, que nunca conheceremos? Não posso dizer o mesmo das ações e dos efeitos elétricos? Não posso raciocinar sobre o ar que não consigo ver? Não o modifico muitas vezes ao meu gosto?

S: Admito, Eutífron, que tudo o que dizes é muito verdadeiro; qualquer físico concordará contigo. Mas não posso assumir, por analogia com tudo o que vejo, que o que está entre o ímã e o ferro, o que está entre o corpo elétrico e o não elétrico, e aquilo que constitui o ar, é uma matéria ativa difícil de apreender, cujas partículas são configuradas e modificadas de tal forma que não podemos ver seus efeitos? E que, além disso, estas partículas pertencem às classes das coisas visíveis e tangíveis, como os corpos maiores, embora a fraqueza, rudeza ou imperfeição dos nossos órgãos nos impeçam de obter a menor sensação da sua figura, da sua cor ou do seu peso? Meu caro Eutífron, estamos procurando a verdade, não estamos? Agora, diga-me, passa em sua consciência a mínima ideia da possibilidade de que

um corpo possa ser posto em movimento, ou modificado por qualquer outra forma que não pelo toque direto de outra coisa corpórea? Ou seja, é possível que você pense que uma coisa que não tem nada em comum com os nossos sentidos possa agir sobre coisas das quais podemos ter ideias ou sensações através de nossos sentidos.

E: Vejo, Sofile, que você tem um gosto pelas nossas investigações, que o amor celestial pela verdade o inspira. Partilhas o teu fervor comigo. Venha: vamos jurar pelo gênio de Sócrates não deixar o desafio até encontrarmos o que estamos buscando. O que dissemos anteriormente, que tudo o que é, é essência, é verdade, não é?

S: Oh, sim, sem dúvida.

E: Que todas as essências que coexistem têm necessariamente alguma relação entre elas?

S: Isso é uma verdade.

E: Consequentemente, cada essência que coexiste conosco, tem algum tipo de relação conosco.

S: Sim

E: Uma essência só pode manifestar sua relação com outra essência pela sua ação sobre essa essência, ou através do que a distingue da outra essência.

S: É verdade.

E: Uma essência só pode conhecer outra essência pela relação que tem com ela.

S: Admito.

E: E esse conhecimento limita-se a essas relações, que podem se manifestar, seja por ação imediata, seja por ação sobre qualquer órgão ou meio.

S: Sim.

E: Todas as essências que manifestam sua relação conosco, como as manifestam conosco, as chamamos de matéria; como, por exemplo...

S: É verdade, Eutífron; e eu considero perfeitamente bem que a palavra matéria é apenas um signo para expressar essências na medida em que eles têm uma relação com nossos órgãos atuais. Estou quase convencido agora da possibilidade de que a essência tem uma infinidade de faces diferentes daquelas sob as quais a chamamos de matéria. Digo mais, considero até a probabilidade disso. Mas o importante é 1°. provar a realidade da essência; 2°. saber como podemos ter uma ideia dela; 3°. saber como uma essência, que não tem analogia com os nossos órgãos, pode agir sobre uma essência que tem uma analogia com os nossos órgãos.

E: Estas são precisamente as três dificuldades que ainda temos de superar. Deseja, Sofile, que as tratemos separadamente, uma após a outra, e limitemos as nossas investigações a isso?

S: De bom grado. Mas lembremo-nos do gênio de Sócrates e de nosso juramento.

E: Não temas perjúrio da minha parte. Diga-me, Sofile, se um príncipe europeu ordena um cerco nas entranhas da Índia, será este príncipe a causa física que move o comboio de artilharia que será usado naquele cerco?

S: Essa é uma questão peculiar. Mas não; ele diz isso a uns, e estes dizem isso a outros, e assim por diante, até àqueles que finalmente fazem esta artilharia marchar.

E: Sem esse príncipe, essa artilharia teria permanecido em seu lugar.

S: Bem, sim.

E: Para colocar cerca de trinta peças de canhões em movimento é necessária uma força real de pelo menos cinquenta mil libras.

S: Imagino que sim.

E: Não acho que o príncipe esteja enviando essa força da Europa para a Ásia.

S: Não.

E: Ele envia uma onça de papel; e a artilharia marcha. Se tudo no Universo fosse matéria, as coisas não seriam tão práticas; e tu vês com isso, Sofile, que há essências que não são o que chamamos matéria, e mesmo assim operam com muito mais facilidade e energia. Mas diga-me, por favor, lembra-se do discurso do nosso amigo, e das suas diferentes demonstrações da heterogeneidade da alma e do corpo?

S: Não me lembro bem deles. Faça-me lembrar, se puder.

E: Ele dá-nos três demonstrações diferentes, e são elas:

I

1º. Um corpo que está em repouso, ou em movimento uniforme, permanece, pela sua natureza, neste estado de repouso ou em seu movimento uniforme.

2º. Portanto, nenhum corpo pode passar do repouso ao movimento, ou do movimento uniforme ao movimento acelerado, a não ser pela ação de uma coisa que não seja este próprio corpo.

3º. O corpo humano, por um ato de vontade, passa do repouso ao movimento, e do movimento uniforme ao movimento acelerado.

4º. Assim, o corpo humano é colocado em movimento, ou o movimento do corpo humano é acelerado pela ação de uma coisa que não é este corpo

5º. E segue-se que o princípio que põe este corpo em movimento, a que chamamos alma, é uma coisa diferente deste corpo.

II

1º. É contraditório que uma coisa destrua uma propriedade essencial de si mesma, já que é de sua essência ter essa propriedade; assim se reduziria a nada, o que é absurdo.

2º. É uma propriedade essencial de um corpo em movimento permanecer nesse movimento e na mesma direção.

3º. O homem, por um ato de sua vontade, muda a direção do movimento do seu corpo.

4º. Consequentemente, se o homem não fosse outra coisa que este corpo em movimento, destruiria assim uma qualidade essencial de si mesmo.

5º. Segue-se que o primeiro motor deste corpo, a que chamamos alma, é uma coisa diferente deste corpo.

III

1º. As ideias que possuímos das coisas derivam das relações entre as coisas e da forma como percebemos e sentimos.

2º. É possível que tenhamos uma ideia de tudo o que tem extensão e figura.

3º. Mesmo a menor parte do nosso corpo tem extensão e figura.

4º. Portanto, é possível que tenhamos uma ideia da menor partícula do nosso corpo.

5º. Mas uma ideia é o resultado da relação entre a partícula e aquele que a percebe.

6º. Consequentemente, aquele que percebe é uma coisa diferente da partícula, e a alma é uma coisa diferente do corpo.

Lembra-se agora dessas demonstrações, Sofile?

S: Sim, muito bem; e agora lembro-me de algo muito peculiar que me ocorreu durante o discurso do nosso amigo, e que ainda me ocorre neste momento.

E: O que seria isso?

S: Minha razão segue perfeitamente o curso de sua mente. Não tenho nada que contradiga. Parece-me que vai de verdade em verdade. Mas, no final, seu raciocínio me repugna: não o concebo mais; não sinto a verdade; não alcanço aquela convicção íntima e perfeita com que a verdade é sempre acompanhada; e, por mais simples que sejam seus raciocínios, temo tacitamente que eles possam ter me enganado e me guiado através de alguns sofismas que eu não tenha percebido.

E: Acredito em você Sofile, mas não é culpa do raciocínio; é culpa dos limites naturais de nossa mente, que podemos superar de forma prodigiosa através do exercício. O que lhe acontece em relação a esta passagem é precisamente o que acontece a todo homem a primeira vez que lhe é mostrado que um quadrado finito é igual a um espaço infinito. Sua mente está em extrema confusão, da qual ela consegue superar, no entanto por meio de meditações. Quando uma demonstração se baseia na comparação de duas coisas, ou na investigação da relação entre duas coisas, e no final do raciocínio se descobre que estas duas coisas são de natureza totalmente diferente, a mente fica atônita, aturdida pelo imenso espaço entre estas duas coisas, sobre o qual não pode atravessar porque não conhece o caminho que leva de uma à outra. Se você fosse capaz de entender como a alma imaterial pode ter um efeito sobre o corpo material, você não acha que suas dúvidas desapareceriam muito rapidamente?

S: Sim, estou convencido disso: mas a reflexão que acabastes de fazer é suficiente para me convencer perfeitamente que a alma é uma coisa diferente do corpo.

E: Pois bem, Sofile, você concorda, então, que existem realmente outras essências além daquelas que chamamos de matéria; e a primeira das nossas dificuldades foi superada, não foi?

S: Sim, totalmente: mas como você pode ter uma ideia dessas essências?

E: Devemos agora, Sofile, fazer algumas reflexões sobre a palavra ideia. A

percepção que a alma tem de uma coisa, seja ela qual for, nasce necessariamente de alguma sensação; e, na medida em que a alma tem uma sensação, na medida em que sente, é passiva, seja porque essas sensações lhe chegam por alguma ação exterior, seja porque a própria alma dê ou receba uma sensação para si mesma: é passiva enquanto sentir. A palavra ideia, ou *εἶδος*, ou *ιδέα* em grego é a mesma que a palavra imagem. Quando percebo uma estátua, ou seja, quando tenho sua ideia, tenho a imagem da estátua. Imagem pressupõe figurabilidade, visibilidade, contorno, etc. e com isso parece que a palavra ideia pertence apropriadamente apenas às percepções que temos de tudo o que chamamos de matéria.

S: Eu entendo perfeitamente bem: mas temos outras percepções?

E: Você tem uma percepção do que é justo?

S: Sim claro. Mas haveria pessoas que nos diriam que não há percepção de justiça, que existe apenas a ideia de uma balança, ou qualquer coisa do tipo.

E: Deixemos essas pessoas, Sofile; elas só fazem essa reflexão com a bandagem que é dada à figura da justiça. Mas você tem a percepção de uma mentira, de um crime, de um governo, de amor, de gratidão, de bondade?

S: Sim; mas essas são percepções de qualidades, de modificações.

E: Modificações de quais coisas? Do cone, ou do cubo?

S: Você está brincando, Eutífron? - não - modificações de nossas próprias almas, das almas dos outros e de suas ações.

E: Você não pode ter a percepção de uma modificação, ou uma qualidade de uma coisa, sem ter a percepção de uma parte da sua essência.

S: Isto é verdade.

E: Estamos convencidos de que a alma não é o que se chama matéria; e assim podemos ter percepção de coisas que não são matéria.

S: Admito isso.

E: Você não tem a imagem de uma mentira, de um crime, de um governo, de amor, de gratidão, de bondade, de uma alma.

S: Não, mas eu tenho uma percepção.

E: Já vimos que toda a percepção nasce de alguma sensação. Uma sensação implica necessariamente uma passividade daquele que está sentido. Essa passividade, por sua vez, pressupõe necessariamente atividade, ou alguma ação de fora. Assim nasce uma percepção a partir da ação de alguma coisa fora de nós. Agora, uma essência, então, atua sobre outra essência somente através do contato direto, ou através dos órgãos ou meios. A alma imaterial age sobre o corpo material, e vice-versa. O corpóreo age sobre o corpóreo, o imaterial sobre o imaterial; e como se trata aqui de nós, isto é, de essências que têm a faculdade de sentir, é necessário, portanto, que haja órgãos e meios entre eles para servir de veículos e propagar suas ações recíprocas, a fim de produzir essas sensações.

S: Confesso, Eutífron, que estou a começar a ver claramente. Talvez caiba a ti trazer-me para a luz. Não pare a meio caminho; imploro-te em nome do vosso mestre, cujo gênio vigia o juramento que acabamos de fazer.

E: Depende de ti, querido Sofile, ver a luz. Não farei nenhum outro raciocínio além daquele que você mesmo poderia ter feito se tivesse desejado refletir, tornando-se livre e absolutamente independente das opiniões dos outros. Não exijo mais do que uma atenção ininterrupta; e como deseja que eu seja claro, deves perdoar-me por algumas repetições a que o fio das minhas ideias me possa obrigar.

S: Vou ouvi-lo com toda a atenção possível; e quanto às repetições, considero-as úteis e necessárias em investigações do tipo em que estamos a fazer.

E: Se raciocinarmos desta forma (e raciocinamos assim mais vezes do que achamos) – “o que não é tangível, nem visível, nem sonoro, não é nada, e conseqüentemente nunca pode produzir qualquer efeito físico, ou seja, qualquer efeito que seja tangível, visível, etc.” - este raciocínio, sem dúvidas, não vale nada. Pois suponha que um cego raciocinasse assim: “o que não é sonoro nem tangível não é nada”, o que seria desta imensa extensão, de tantos sóis, de tantos mundos, dos quais o cego não pode ter a menor ideia!? Dissemos que tudo o que é, é essência. Uma essência em relação ao órgão da visão chamamos essência visível; em relação ao órgão da audição chamamos essência sonora; em relação ao órgão do tato chamamos essência tangível; em relação a todos esses órgãos em geral chamamos matéria. E para definir esta matéria da maneira mais filosófica possível, basta examinar nossas sensações e nossas ideias, que são o resultado dessas relações; e daí derivam os atributos que atribuímos a esta matéria, como extensão, impenetrabilidade, etc., ou melhor, visibilidade, tangibilidade, etc. A precisão da definição desta matéria tornou-a mais aplicável à geometria; e então, foi manipulada por um gênio como o de Newton, que produziu a verdadeira física, cujos fundamentos são inabaláveis. Os seguidores deste grande homem, seguindo seus passos, estenderam o império da verdade em física a um ponto surpreendente: mas à medida que progrediram nesta ciência, a ideia de matéria adquiriu imperceptivelmente uma rigidez que muito seguramente não havia sido concebida por Newton. Suponhamos agora que um homem, privado do órgão do tato, atribuísse o nome de matéria a toda essência da mesma forma que tem relações com seus órgãos; é evidente que a impenetrabilidade não encontraria mais espaço na definição. Suponhamos que um homem cego desse o nome de matéria a toda essência, da mesma forma, que tem relações com seus órgãos; então a extensão deixaria de ser um atributo da matéria. Suponhamos que um ser dotado de uma centena de outros tipos de órgãos, todos com diferentes espécies e relações com a essência, desse o nome de matéria a toda essência, da mesma forma, que tem relações com seus órgãos; assim, a matéria teria tantos outros atributos. Observemos agora o aparente absurdo que resulta destas suposições. No primeiro caso, o absurdo da ideia de ter de uma matéria sem impenetrabilidade! No segundo, o absurdo da ideia de ter uma matéria sem extensão! No terceiro, o absurdo da ideia de uma coisa da qual nada pode ser negado ou afirmado! Luz é luz apenas para os olhos; som é som apenas para o ouvido; e a essência é visível, tangível, sonora, apenas pela sua relação com a visão, tato e audição, etc., ou seja, porque é o que é. Assim, quando foi demonstrado que a alma não é matéria, foi demonstrado que a alma não é essência, no sentido de que a essência tem uma relação com o tato, com a visão ou com a audição. Meu querido Sofile, estou a seguir a ordem que me deu. Creio que estas reflexões sejam suficientes para que cada homem razoável, sem preconceitos, se convença plenamente da possibilidade da existência de essências que não podem nos manifestar as relações que mantêm

conosco. Mas voltemos a resumir as provas da realidade da sua existência da forma mais clara possível.

Para que um homem tenha uma sensação de qualquer outra essência para além dele, são necessárias três coisas.

1°. Esta essência deve ser capaz de agir sobre o que está entre ela e o homem.

2°. Deve haver alguma coisa entre ele e o homem, que eu chamo um veículo de ação.

3°. O homem deve ter um órgão análogo a este veículo, ou seja, capaz de receber a sua ação.

Se alguma dessas três coisas estiver faltando, não haverá sensação. Por exemplo:

1°. Um corpo perfeitamente transparente não pode refletir a luz: conseqüentemente, não há visão, devido à falta de ação do objeto no veículo.

2°. Coloque um sino no vácuo, não haverá som, por falta de um veículo intermediário.

3°. Sendo um homem surdo e cego, não há som nem visão, por falta de órgãos análogos ao veículo.

Um pedaço grande do cristal mais puro e perfeitamente polido será invisível, porque permitirá que toda a luz passe através dele; e só devemos à sua relação com o órgão do tato o conhecimento da sua impenetrabilidade. Se o tato for destruído, este grande pedaço de cristal não será nada? Será que o ar, esse agente tão necessário a tudo que respira, e tão terrível quando sua mola se afrouxa, seria então nada sem o tato e o ouvido? Seriam os fluxos magnéticos, cujos efeitos são tão rápidos e tão sensíveis, nada, por se tratar de uma essência que não mostra qualquer ligação com nenhum dos nossos órgãos, ou porque não há entre ele nós nenhum veículo análogo à sua atividade e aos nossos órgãos?

Não te recordarei, Sofile, das demonstrações sutis, mas seguras, da imaterialidade da alma. Por que seria necessário entrarmos nessas abstrações? Sabemos que em tudo, uma causa deve ser análoga ao seu efeito, e o efeito à sua causa. Sabemos pela Física que, para pôr em movimento uma massa de mil libras, é necessária pelo menos uma força real de mil libras. Coloque mil libras em uma das bacias da balança, e pelo menos mil libras serão necessárias na outra para movê-las. Suponhamos que a pirâmide de Rodópis ou a tumba de Mausoléu pesasse cinquenta milhões de libras: como foram construídos esses monumentos? Por máquinas, por braços, cujas verdadeiras forças juntas equivaliam a pelo menos cinquenta milhões de libras. Se tudo é matéria no Universo, então procure forças reais análogas a essas massas prodigiosas; procure o peso de cinquenta milhões de libras nas atrações de Rodópis, ou na sensibilidade de Artemísia. Não sou eu que sou ridículo, Sofile, em fazer esta reflexão; são eles que, sem pensar, adotam uma opinião que se destrói por seu próprio ridículo. Depois de vos ter provado a existência real de tantas essências que não são da classe daquelas que chamamos material, devo mostrar que é possível que uma essência, por uma qualidade que não se pode manifestar para nós através dos nossos órgãos, possa agir sobre essências que se podem manifestar para nós através dos nossos órgãos, de tal forma que essas essências se manifestem para nós através dos nossos órgãos.

Supondo um homem que tenha sido privado do órgão do tato e dotado do

órgão da audição, é evidente que a essência não se manifesta a ele pelo tato, e que ela, conseqüentemente, para ele, não é não é impenetrável. Mas um martelo bate e age sobre o sino, na medida em que este martelo e este sino são impenetráveis, ou, na medida em que ambos pertencem às coisas tangíveis; e esta ação do martelo sobre o sino manifesta a relação do sino com o homem, na medida em que está ligado à face sonora.

Suponhamos um homem que tenha sido privado do órgão do tato e colocado diante de um imenso bloco do mais puro cristal. Esse cristal não existe para ele, pois não pode vê-lo por falta da ação do cristal sobre aquilo que o separa do homem; nem o sentir, por falta de um órgão análogo. Suponhamos outro bloco da mesma natureza, que, colidindo com o primeiro, o quebra em mil pedaços; instantaneamente esses dois cristais serão visíveis e sonoros para esse homem; e isto pela ação desses dois pedaços de cristais um sobre o outro, como se fossem impenetráveis ou sólidos, isto é, como se tivessem uma qualidade, da qual o suposto homem nunca poderia ter a menor ideia, nem a menor noção. Suponhamos que o nosso homem é um filósofo e que não se contenta em ver os efeitos, mas que quer conhecer as causas; é evidente que procurará em vão, por toda a eternidade, a causa deste fenômeno. Dai-vos ao trabalho de aplicar estas reflexões a tantos efeitos cujas causas desconhecemos; e vereis, por um lado, quantas causas se encontram na natureza, cuja analogia com os seus efeitos é totalmente velada para nós e para os nossos órgãos atuais, ou cujas ações, que produzem efeitos sensíveis para nós e para os nossos órgãos, nada têm em comum com os nossos modos de perceber e sentir; e, por outro lado, quantas vezes o homem procura cegamente e diverte-se avidamente com investigações, que são, necessariamente, inúteis.

Do que acabo de dizer, decorre naturalmente que uma essência, por uma qualidade que não nos pode ser manifestada por nenhum dos nossos órgãos atuais, pode atuar sobre outra essência de tal forma que essa outra essência manifesta a sua relação conosco por um dos nossos órgãos: e conseqüentemente toda essa aparente incompreensibilidade desaparece; e é muito possível que aquilo que chamamos essência imaterial (porque não manifesta qualquer relação conosco através de nenhum dos nossos órgãos), possa agir sobre aquilo a que chamamos essência material (porque manifesta a sua relação conosco através dos nossos órgãos): isto é, que não há nada de absurdo na ação da alma imaterial sobre o corpo material.

Mas tentemos novamente, meu querido Sofile, conceber, tanto quanto é possível para o homem, de que maneira essa alma age sobre o corpo.

Uma coisa só pode agir sobre outra coisa, por ter uma relação com essa outra coisa: só pode ter uma relação com outra coisa, na medida em que tem uma ou mais qualidades, modificações ou modos de ser em comum com essa outra coisa; conseqüentemente, não pode agir sobre qualquer outra coisa a não ser na medida em que tenha uma ou mais propriedades, modificações ou modos de ser em comum com essa outra coisa.

Alma e corpo são, para nós, duas coisas completamente diferentes, como já tínhamos acordado antes; conseqüentemente, tanto quanto as conhecemos, têm propriedades, modificações ou modos de ser completamente diferentes.

Assim, a alma e o corpo agem um sobre o outro reciprocamente: conseqüentemente, corpo e alma também devem ter uma ou mais qualidades, modificações ou maneiras de ser em comum que não conhecemos.

Mas ficou provado anteriormente que, por qualidade, modificação ou modo de ser desconhecido, duas coisas podem agir uma sobre a outra de tal forma que essas coisas se manifestam para nós por suas qualidades, modificações ou modos de ser conhecidas.

Conseqüentemente, a alma, por suas qualidades, modificações ou modos de ser desconhecidas, que têm em comum com o corpo, age sobre o corpo de tal forma que o corpo manifesta suas qualidades, modificações ou maneiras de ser conhecidas, e vice-versa.

A relação entre um nervo ou cerebelo e a alma é, de acordo com a demonstração, derivada de uma qualidade, modificação ou modo de ser comum à alma e ao nervo, ou ao cerebelo. O nervo, ou cerebelo, como nervo ou cerebelo, é uma essência composta. As qualidades que ela pode ter em comum com a alma, as possui como compostas, pois sem ela a alma teria o direito de agir da mesma maneira sobre qualquer matéria que não fosse nem o nervo nem o cerebelo, o que não é o caso. Os autômatos de Huygens ou Orrery não imitam, nem preveem os movimentos dos corpos celestes, exceto na qualidade de compostos. Agora, o nervo ou o cerebelo se decompõe pela morte; conseqüentemente, as qualidades que possui enquanto composto são destruídas, e conseqüentemente a sua relação com a alma também; mas a alma permanece.

Esta, meu querido Sofile, é a base sobre a qual eu fundo minha filosofia; e estou convencido de que, a partir dela, podemos aspirar, por um lado, uma Física livre de erros e pressupostos precários e, por outro lado, uma moralidade elevada e consoladora, digna daqueles que sentem toda a força da sua existência. E se você quiser se dar ao trabalho de se lembrar dos resultados dos nossos raciocínios, poderá julgar por si mesma se eu cometi perjúrio.

S: Constatamos: 1°. Que os nossos órgãos não nos enganam, mas que representam para nós, por um lado, muitas qualidades essenciais das essências; e, por outro, a verdadeira relação que as coisas têm entre elas, na medida em que são análogas aos nossos órgãos: 2°. Que aquilo a que chamamos matéria é apenas a essência na medida em que é análoga aos nossos órgãos: 3°. Que há essências que são coisas diferentes do que chamamos de matéria: 4°. Que temos percepções de várias qualidades de essências imateriais, tão verdadeiras e seguras quanto as ideias que temos de várias qualidades de essências materiais: 5°. Como é fácil de conceber, como aquilo a que chamamos de imaterial age sobre a matéria.

Meu querido Eutífron, tanto quanto o homem possa estar convicto, declaro-me convencido pelos seus discursos. Não, você não está perjurando; o gênio de Sócrates também será, doravante, meu guia.

Referências:

HEMSTERHUIS, François, *Sophyle ou de la philosophie*. Paris: [sans adresse], 1778.

HEMSTERHUIS, François. *Sophyle ou de la philosophie/Sophylus oder von der Philosophie*. In: *Œuvres philosophiques*. Brill, 2015. p. 334-387.

Recebido em: 03/2023
Aprovado em: 04/2023